CENTRO UNIVERSITÁRIO DE PATOS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS –
PORTUGUÊS E INGLÊS

VOZES EM RESISTÊNCIA: A ESCREVIVÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA SOB AS PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

ROBERTA CLÉFIA MALAQUIAS DE OLIVEIRA

PATOS - PB
2026.1

ROBERTA CLÉFIA MALAQUIAS DE OLIVEIRA

VOZES EM RESISTÊNCIA: A ESCREVIVÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA SOB AS PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação de TCC do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras – Português e Inglês.

Orientador: Prof. Me. Maria do Socorro de Lucena Silva

PATOS - PB
2026.1

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central - UNIFIP

Oliveira, Roberta Cléfia Malaquias de.
O48v Vozes em Resistência: A Escrevivencia e a Construção da Identidade Feminina Sob as Perspectivas Interseccionais de Raça e Classe na Literatura Contemporânea Brasileira. / Roberta Cléfia Malaquias de Oliveira. – Patos – PB: UNIFIP, 2026.
19 fls.

Orientador (a): Profª. Meª. Maria do Socorro de Lucena Silva.
Artigo, Graduação Licenciatura em Letras – Português/Inglês.

1. Literatura contemporânea brasileira. 2. Identidade feminina.
3. Escrita feminina. 4. Crítica feminina. 5. Interseccionalidade.
I. Título. II. Centro Universitário - UNIFIP

UNIFIP/BC CDU: 80

Yasmim Caroline A. Nóbrega – Bibliotecária. CRB 15/1086

VOZES EM RESISTÊNCIA: A ESCREVIVÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA SOB AS PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

ROBERTA CLÉFIA MALAQUIAS DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação de TCC do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras – Português e Inglês.

Prof. Me. Maria do Socorro de Lucena Silva

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARIA DO SOCORRO DE LUCENA SILVA
Data: 03/06/2026 22:05:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Maria do Socorro de Lucena Silva
ORIENTADOR

Documento assinado digitalmente
gov.br
EDILENE ARAUJO DOS SANTOS
Data: 03/06/2026 20:04:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Edilene Araújo dos Santos
MEMBRO I

Documento assinado digitalmente
gov.br
DIOGO ARAUJO DOS SANTOS
Data: 03/06/2026 11:07:11-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Esp. Diogo Araújo dos Santos
MEMBRO II

PATOS – PB
2026.1

Dedico esta conquista a todas as mulheres que, como eu, equilibram a maternidade, o trabalho e o sonho de aprender. À minha família, pela paciência e pelo apoio que nunca faltaram, mesmo quando o cansaço tentou me fazer parar. Este diploma é a prova de que nossa caminhada, embora desafiadora, é vitoriosa.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta graduação em Letras não é apenas o fechamento de um ciclo acadêmico, mas a conquista de um percurso de quatro anos intensos e profundamente desafiadores. Conciliar a rotina de Assistente Social no CREAS Municipal de Desterro-PB, lidando diariamente com os complexos desafios da política pública de assistência social, com os papéis de mãe, esposa, filha e irmã exigiu de mim um esforço que, por muitas vezes, beirou o limite da exaustão. Houve momentos em que o desejo de desistir se fez presente, sussurrando que o peso das responsabilidades era difícil demais. No entanto, foi a persistência do sonho e a compreensão de que a educação é a minha ferramenta de reexistência que me mantiveram firme até aqui.

Agradeço imensamente aos meus colegas de turma. Mesmo diante de nossas divergências, estiveram comigo, perto ou longe, oferecendo o suporte necessário, o auxílio na construção dos trabalhos e o compartilhamento das dores e alegrias desta jornada. A convivência com vocês foi um aprendizado fundamental para a minha formação humana. Minha gratidão profunda ao corpo docente da Unifip. A todos que, com seus ensinamentos, plantaram sementes que hoje florescem. Guardo com carinho e honra a memória da professora Kelly; seu acolhimento e seus conselhos preciosos no início desta caminhada foram o farol que me impediu de desistir. Seus ensinamentos seguem vivos em mim.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Socorro Lucena Brim, que esteve ao meu lado desde os primeiros passos da graduação em Serviço Social e que, pelo destino, reencontrei na trajetória em Letras. Sua presença, orientando cada passo deste TCC com sabedoria e paciência, foi o alicerce que me trouxe até aqui. Agradeço também à professora Edilene, pelo incentivo constante, e ao professor Diogo, cuja dedicação e suporte, especialmente na coordenação, foram fundamentais para que eu atravessasse esta reta final com a serenidade, a calma e a organização necessárias. Afinal, não é fácil manter a calma quando se está prestes a dar à luz a um novo serzinho. Ô Samuel, vem aí!

Aos demais profissionais da UNIFIP que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação, muito obrigada.

Agradeço até mesmo aos obstáculos encontrados no caminho, pois foram eles que testaram minha resiliência e me forçaram a crescer.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha família, o pilar que sustenta a minha vida. Ao meu esposo, Edson Mendonça Justo, meu parceiro de jornada: obrigada por nunca ter soltado a minha mão, por acreditar no meu potencial e por todo o cuidado com o nosso filho, Carlos Augusto, permitindo que eu pudesse concluir a graduação com a dedicação necessária. Sem o seu companheirismo, esta conquista teria sido um horizonte inalcançável; esta vitória é nossa.

Agradeço, enfim, a todos que sonharam comigo e que, em silêncio ou em palavras, acreditaram que o êxito era possível. No mais, dedico este trabalho a todos que não se deixam vencer pelo cansaço e que, como eu, encontram na luta diária o sentido para transformar a própria realidade.

RESUMO

A literatura contemporânea brasileira ressignifica a identidade feminina como espaço de resistência contra representações patriarcais, protagonizado por autoras negras e indígenas. Este estudo qualitativo-bibliográfico analisou Olhos d'Água (Evaristo, 2014), Metade Cara, Metade Máscara (Potiguara, 2004) e Racismo no Brasil e Afetos Correlatos (Silva, 2013), sob lentes de gênero, raça e classe. As autoras desconstroem estereótipos via escrevivência, memória ancestral e denúncia racial, afirmando subjetividades plurais marcadas por resistência e autonomia. Evidencia-se a literatura como arena emancipatória, promovendo discursos que valorizam diversidade e desafiam silenciamentos históricos. Conclui-se que essas vozes femininas democratizam o cânone literário, fomentando transformações sociais na contemporaneidade brasileira.

Palavras-chave: Literatura contemporânea brasileira. Identidade feminina. Escrita feminina. Crítica feminista. Interseccionalidade.

ABSTRACT

Contemporary Brazilian literature reconfigures female identity as a space of resistance against patriarchal representations, led by Black and Indigenous authors. This qualitative bibliographic study analyzed Olhos d'Água (Evaristo, 2014), Metade Cara, Metade Máscara (Potiguara, 2004), and Racismo no Brasil e Afetos Correlatos (Silva, 2013), through lenses of gender, race, and class. The authors deconstruct stereotypes via escrevivência, ancestral memory, and racial critique, affirming plural subjectivities marked by resistance and autonomy. Literature emerges as an emancipatory arena, fostering discourses that value diversity and challenge historical silences. It is concluded that these female voices democratize the literary canon, promoting social transformations in contemporary Brazil.

Keywords: Contemporary Brazilian literature. Female identity. Women's writing. Feminist criticism. Intersectionality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 REFERENCIAL TEÓRICO 11
2.1 Literatura contemporânea e ressignificação da identidade feminina 11
2.2 Identidade, gênero e construção social..... 12
2.3 Lugar de fala, interseccionalidade e escrita feminina 12
2.4 Percurso metodológico 13
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES 16
3.1 Conceição Evaristo e a "escrevivência" como escrita de resistência 16
3.2 Eliane Potiguara e a literatura decolonial da mulher indígena 16
3.3 Cidinha da Silva e a denúncia do racismo estrutural na construção da identidade feminina 17
4 CONCLUSÃO 18
REFERÊNCIAS 19

1. Introdução

Historicamente, a literatura tem exercido papel fundamental na construção e reprodução das representações sociais, sobretudo aquelas relacionadas à identidade feminina. Durante séculos, a mulher foi retratada por uma perspectiva patriarcal, em que predominavam imagens de passividade, submissão e restrição a papéis tradicionais como mãe, esposa ou objeto de desejo. Essas representações reforçaram estereótipos e contribuíram para a manutenção de estruturas que limitam a autonomia feminina.

Nas últimas décadas, a literatura contemporânea brasileira tem registrado um movimento significativo com a presença crescente de autoras que assumem o protagonismo narrativo e ressignificam o feminino por meio da autonomia, da resistência e da subjetividade. Essas vozes emergentes problematizam narrativas históricas e inauguram discursos interseccionais sobre gênero, raça e classe.

Nesse contexto, o campo literário constitui-se como arena de disputa simbólica, em que narrativas femininas desafiam cânones e silenciamentos. A escrita de mulheres negras e indígenas transforma a literatura em instrumento político e cultural de reconhecimento plural. Além disso, a presença dessas autoras amplia a compreensão sobre a diversidade das experiências femininas e evidencia que a representação da mulher na literatura não pode ser pensada de forma homogênea, uma vez que as marcas sociais que atravessam seus corpos e suas vozes produzem sentidos distintos.

Dessa forma, torna-se relevante analisar como a literatura contemporânea brasileira, especialmente aquela produzida por mulheres negras e indígenas, contribui para a desconstrução de estereótipos e para o fortalecimento da identidade feminina em suas múltiplas dimensões. Essa reflexão permite compreender não apenas a importância das obras selecionadas, mas também o papel dessas autoras na construção de uma literatura mais plural, crítica e socialmente comprometida.

.

2. Referencial Teórico

O referencial teórico deste trabalho visa consolidar o tema da representação da mulher na literatura contemporânea brasileira, sustentando a tese de que as autoras emergentes reconfiguram identidades femininas por meio de uma escrita marcada pela resistência, subjetividade e interseccionalidade. Para tanto, estruturamos esta fundamentação em três principais subseções que dialogam e aprofundam o entendimento da escrita feminina sob as perspectivas de gênero, raça e classe, articulando as contribuições da crítica feminista, dos estudos de identidade e da teoria decolonial.

2.1 Literatura contemporânea e ressignificação da identidade feminina

A literatura contemporânea brasileira tem se configurado como um espaço simbólico privilegiado para a ressignificação da identidade feminina. Conforme observa Dalcastagnè (2012), esse campo literário é também um campo de disputas sociais e simbólicas, onde vozes historicamente marginalizadas buscam incidir na construção e legitimidade dos discursos culturais. Isso é especialmente relevante no que tange à emergência da escrita feminina, que rompe com representações tradicionalmente codificadas por uma perspectiva patriarcal e masculina.

Por muitos séculos, a mulher foi retratada predominantemente de forma estereotipada, como figura passiva ou subordinada aos papéis sociais restritos à maternidade, casamento ou objeto de desejo (Beauvoir, 2009). Tal construção contribuiu para a manutenção das desigualdades de gênero e para a naturalização da figura feminina como objeto, retirando-lhe a condição de sujeito autônomo. No entanto, a literatura contemporânea escrita por mulheres reverte essa lógica, abrindo espaço para a afirmação identitária e um protagonismo autoral que permite a reconstrução de narrativas próprias, a partir de experiências vividas e perspectivas internas.

Nesse contexto, a reflexão de Hollanda (2019), é extremamente pertinente, ao apontar a autoria feminina como intervenção política no âmbito literário, capaz de desafiar as estruturas hegemônicas que limitavam a participação e representação das mulheres. Assim, a literatura torna-se instrumento de resistência simbólica, contribuindo para o rompimento com estereótipos e construção de subjetividades plurais, especialmente para grupos sociais historicamente excluídos, como mulheres negras e indígenas. Portanto, essa transformação literária não apenas amplia a diversidade e a complexidade da representação feminina, mas também posiciona a escrita como espaço de luta e reconstrução social.

2.2 Identidade, gênero e construção social

A identidade feminina, dentro do paradigma das ciências humanas contemporâneas, é compreendida como uma construção social dinâmica, historicamente situada nas relações de poder que organizam a sociedade. Não se trata de uma essência biológica imutável, mas de um processo discursivo e performativo que condiciona modos de ser e existir, como enfatiza Butler (2003). Sua renomada tese de que o gênero é uma construção cultural produzida e reproduzida simbolicamente amplia o entendimento sobre a fluidez e a heterogeneidade das identidades femininas.

Nesse sentido, Hall (2006), contribui ao conceber a identidade como algo que se constitui em um processo contínuo e em constante negociação. Da mesma forma, a literatura, enquanto prática simbólica e discursiva, está imbricada nessa construção, podendo tanto reforçar como questionar as representações sociais do feminino. É fundamental compreender que as representações literárias não são neutras, mas atravessadas por relações de poder socioculturais, que definem quais vozes são legitimadas ou silenciadas, conforme observa Beauvoir (2009).

Dessa forma, essa conferência teórica ressalta a importância do lugar de fala na produção literária contemporânea, pois narrar a experiência própria implica em afirmar uma identidade que historicamente sofreu apagamento. Segundo Ribeiro (2017), o lugar de fala refere-se à posição social concreta do sujeito, que influencia diretamente sua forma de percepção e expressão. Essa afirmação ganha relevo na literatura produzida por mulheres, ao permitir que elas se constituam não mais como objeto, mas como sujeitos autônomos. Como pontua Hollanda (2019), tal dinâmica promove a emergência de narrativas mais complexas, situadas socialmente e mais fiéis à pluralidade da experiência feminina

2.3 Lugar de fala, interseccionalidade e escrita feminina

Compreender a escrita feminina contemporânea requer fundamentar-se nos conceitos de lugar de fala e interseccionalidade, pois estes permitem analisar que as narrativas são atravessadas por múltiplos marcadores sociais, gênero, raça, classe, etnia, que influenciam as experiências e as formas de expressão literária. O conceito de interseccionalidade, originalmente desenvolvido por Kimberlé Crenshaw, é fundamental para ultrapassar uma visão homogênea das identidades femininas, incorporando as diferenças e desigualdades estruturais que afetam, por exemplo, mulheres negras e indígenas (Akotirene, 2018).

A escrita destas mulheres assume, assim, um caráter político e simbólico de resistência ao historicizar e denunciar formas interligadas de opressão. Hooks (2018), defende que a escrita é um meio de reconstrução da subjetividade e afirmação da existência daqueles grupos marginalizados. Ribeiro (2017) enfatiza que o ato de assumir um lugar de fala marca a transformação do sujeito de representado para representante, conferindo legitimidade e voz própria.

Além disso, Dalcastagnè (2012) reforça que a ampliação da diversidade autoral contribui para desconstituir a hegemonia literária tradicional, tornando visíveis experiências antes silenciadas e ampliando as possibilidades de representação. Dessa forma, a literatura se torna uma arena onde se travam embates simbólicos essenciais para a democratização das vozes no campo literário e, por extensão, nas relações sociais de poder.

2.4 Percurso Metodológico

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, voltada à análise da representação da mulher na literatura contemporânea brasileira. O percurso metodológico concentrou-se na leitura crítica de obras literárias e de textos teóricos que fundamentam a discussão proposta, buscando compreender como a escrita de autoria feminina negra e indígena ressignifica a identidade feminina em suas relações com gênero, raça e classe.

Inicialmente, foi realizado o levantamento das obras que compõem o corpus da pesquisa, a saber: *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara, e *Racismo no Brasil e afetos correlatos*, de Cidinha da Silva. A escolha dessas obras ocorreu em razão de sua relevância para a temática investigada, uma vez que apresentam, em diferentes formas de expressão literária, a mulher como sujeito de resistência, memória e afirmação identitária. Em seguida, procedeu-se à leitura integral das obras, com o objetivo de identificar os trechos mais significativos para o desenvolvimento da análise.

A partir dessa leitura inicial, foram selecionados os fragmentos que melhor dialogavam com o problema de pesquisa e com os objetivos estabelecidos, especialmente aqueles em que se evidenciam as marcas de opressão, as estratégias de resistência, a valorização da ancestralidade e a reconstrução simbólica da subjetividade feminina. Essa seleção ocorreu com base na recorrência temática, na densidade interpretativa e na força discursiva dos trechos escolhidos, de modo que cada citação pudesse contribuir efetivamente

para a sustentação da argumentação.

Paralelamente, foi realizado o levantamento bibliográfico de autores e autoras que subsidiam teoricamente a discussão, como Beauvoir, Butler, Hall, Ribeiro, Dalcastagnè, Hollanda, hooks, Crenshaw, Akotirene, Quijano e Lugones. A leitura desses referenciais permitiu construir uma base conceitual capaz de dialogar com o corpus e de sustentar as interpretações desenvolvidas ao longo do trabalho, conforme sintetizado no quadro a seguir.

Quadro 1 – Autores e contribuições teóricas

Autor	Obra	Ano	Descrição
Simone de Beauvoir	O segundo sexo	2009	Fundamenta a compreensão da mulher como construção histórica e social, útil para interpretar a identidade feminina nas obras analisadas.
Judith Butler	*Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*	2003	Sustenta a discussão sobre gênero como construção discursiva e performativa, importante para analisar as representações do feminino.
Stuart Hall	*A identidade cultural na pós-modernidade*	2006	Contribui para entender a identidade como processo dinâmico, mutável e socialmente construído.
Djamila Ribeiro	*O que é lugar de fala?*	2017	Ajuda a pensar a legitimidade da voz de mulheres negras e indígenas na literatura e na produção de conhecimento.

Regina Dalcastagnè	*Literatura brasileira contemporânea*	2012	Permite compreender a literatura como espaço de disputa simbólica e de representação social.
Heloisa Buarque de Hollanda	*Pensamento feminista hoje*	2019	Sustenta a leitura da escrita feminina em perspectiva crítica, decolonial e política.
Bell hooks	*O feminismo é para todo mundo*	2018	Reforça a visão do feminismo como prática inclusiva, coletiva e articulada às questões de raça e classe.
Gil	*Métodos e técnicas de pesquisa social*	2008	Dá suporte à delimitação da pesquisa bibliográfica e ao procedimento metodológico do estudo.

A partir desse suporte teórico, tornou-se possível estabelecer uma leitura mais consistente do corpus, articulando os conceitos de identidade, gênero, lugar de fala, crítica feminista e interseccionalidade aos sentidos produzidos pelas obras. Assim, o quadro serviu como base para a interpretação dos trechos selecionados, favorecendo a construção de uma análise mais precisa e coerente com os objetivos da pesquisa.

Dessa forma, a leitura analítica dos fragmentos selecionados, em diálogo com os aportes teóricos apresentados, permitiu observar como as obras das autoras investigadas ultrapassam a dimensão estética e se afirmam também como espaços de denúncia, memória e resistência. Esse movimento interpretativo reforçou a pertinência do percurso metodológico adotado e possibilitou uma compreensão mais ampla da função social e simbólica da literatura produzida por mulheres negras e indígenas.

3. Resultados e Discussão

A literatura contemporânea brasileira destinada à representação da mulher tem sido profundamente marcada pela voz e pela escrita de autoras negras e indígenas que assumem o protagonismo de suas narrativas. Conceição Evaristo, Eliane Potiguara e Cidinha da Silva ressituam a mulher como sujeito ativo na construção de sua própria história, desafiando estereótipos e promovendo a valorização da diversidade e da subjetividade feminina. Essas autoras utilizam a literatura como um espaço simbólico de resistência e de afirmação identitária, fundamental para a transformação social.

3.1 Conceição Evaristo e a "escrevivência" como escrita de resistência

Em Olhos d'água (2014), Conceição Evaristo apresenta o conceito de "escrevivência" para nomear uma escrita que surge da vivência da mulher negra, articulando memória, experiência e subjetividade. Como ela mesma destaca:

> "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. [...] É uma escrita que se filia a uma linhagem de mulheres que, embora não dominassem a escrita formal, grafaram a vida em seus corpos e em suas memórias, transmitindo-nos a urgência de dizer o mundo a partir de nossa própria carne." (Evaristo, 2014, p. 11).

Essa afirmativa enfatiza o caráter político e estético da escrita de Evaristo, que reivindica a legitimidade da experiência feminina negra para construir conhecimento e identiteit de forma ativa e resistente. A metáfora dos "olhos d'água" — que remete à profundidade da memória materna e ancestral — revela como a identidade feminina negra na obra é construída a partir do coletivo e da herança histórica.

3.2 Eliane Potiguara e a literatura decolonial da mulher indígena

Em Metade cara, metade máscara (2004), Eliane Potiguara, coloca a literatura indígena como instrumento de enunciação política e cultural, na qual a memória coletiva e a ancestralidade são fundamentais para reafirmar a identidade da mulher indígena. A autora explicita essa dimensão ao afirmar:

> “O espírito da mulher indígena é a própria terra. Quando escrevo, não uso apenas letras, uso o sangue de minhas avós que regou este chão. Ser guardiã da memória é entender que o passado não morreu; ele caminha conosco em cada palavra que pronunciamos para que nossos netos não herdem o silêncio, mas a força de nossa identidade originária.” (POTIGUARA, 2004, p. 45).

Essa fala ressalta a dimensão espiritual e histórica da identidade indígena feminina, que está indissociavelmente ligada à terra, à coletividade e à resistência frente ao processo colonial. Potiguara também destaca que sua escrita é uma forma de arma contra o silenciamento: “Minha escrita é minha arma, minha palavra é minha resistência.” (POTIGUARA, 2004, p. 61). Essa perspectiva clássica de escrita como resistência insere a literatura indígena como força central para a ampliação e desconstrução dos cânones literários ocidentais.

3.3 Cidinha da Silva e a denúncia do racismo estrutural na construção da identidade feminina

No livro Racismo no Brasil e afetos correlatos (2013), Cidinha da Silva investiga as intersecções entre racismo, afetividade e resistência, mostrando como o racismo estrutural impacta diretamente a construção da identidade feminina negra e sua subjetividade. “Falar de racismo e afetos correlatos é admitir que a estrutura de cor deste país organiza quem é amado e quem é abandonado. O racismo não apenas retira o emprego ou o acesso à universidade; ele retira a humanidade do olhar.” (SILVA, 2013, p. 32). Ao destacar a importância do lugar de fala, a autora assume seu protagonismo narrativo, reafirmando que: “A crônica, em minhas mãos, é uma navalha. Ela serve para cortar a superfície polida dos discursos de democracia racial e expor o nervo exposto da exclusão.” (SILVA, 2013, p. 15). Essa assertiva reforça o papel político da escrita contemporânea feminina enquanto instrumento de denúncia e reconstrução simbólica, tornando a mulher negra sujeito e agente ativo da sua história.

Essas autoras, em suas obras e falas, enfatizam o caráter político e social que perpassa a produção literária feminina contemporânea, sobretudo entre mulheres negras e indígenas. Por meio de suas escritas, elas promovem não apenas a reconstrução simbólica da identidade feminina, mas configuram suas narrativas como verdadeiros atos de resistência, memória e afirmação subjetiva. Dessa forma, contribuem decisivamente para uma literatura mais plural, democrática e socialmente comprometida, abrindo espaço para vozes historicamente marginalizadas e ressignificando as representações femininas no Brasil contemporâneo.

4. Conclusão

A exploração das narrativas femininas na literatura contemporânea brasileira revela um movimento profundo de transformação nas formas de representar a mulher, especialmente quando marcadas por gênero, raça e classe. Por meio das vozes de autoras que assumem o poder de narrar suas próprias experiências, reforça-se a potência da escrita como ato de resistência e reconstrução identitária.

Nessas trajetórias literárias, a memória e a ancestralidade emergem como elementos que dão corpo à subjetividade feminina, enquanto espaços historicamente marcados pela exclusão ocupam protagonismo. Ao deslocar representações estereotipadas e assumindo o protagonismo, as personagens e suas histórias tensionam os limites do campo literário, ampliando suas possibilidades e desafiando as estruturas sociais que as circunscrevem.

Assim, a literatura aparece não apenas como um reflexo da realidade, mas como ativo instrumento para ressignificar identidades, multiplicar perspectivas e fomentar a construção de sentidos que apontam para uma existência mais autônoma, plural e potente. Com essa abertura e multiplicidade de vozes, é possível vislumbrar caminhos para que outras histórias, outras experiências e outras vozes possam ainda encontrar lugar e ressoar.

Dessa maneira, cada narrativa reafirma que a construção do feminino permanece sempre em processo, convidando a reflexão contínua e o aprofundamento, por novos olhares críticos e novas gerações de autores e leitoras, para que a diversidade de existências siga conquistando espaço no cenário cultural e social.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, 2012.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLLANDA, H. B. de. **Pensamento feminista hoje**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

POTIGUARA, E. **Metade cara, metade máscara**. Petrópolis: Vozes, 2004.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, C. da. **Racismo no Brasil e afetos correlatos**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.